

LIVRO DE PANO: POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO COM O UNIVERSO LITERÁRIO DESDE A PRIMEIRA INFÂNCIA

Nome: Stephanie dos Santos Moreira
Instituição: Universidade Federal Fluminense
Titulação: Licenciada em Letras – Português/Literatura
E-mail: stephaniemoreira14@gmail.com

Nome: Maíra Gonçalves Lacerda
Instituição: Universidade Federal Fluminense
Titulação: Doutoranda em Design
E-mail: maira_lacerda@hotmail.com

Resumo

Como livros de pano podem favorecer o contato da criança pequena com a literatura? O texto literário pode ser mediado para crianças na primeira infância? Motivado por essas questões, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar que textos literários podem ser apresentados ao público de 0 a 3 anos, especialmente quando são utilizados recursos peculiares a essa faixa etária. Para isso, procura-se destacar particularidades da materialidade dos livros de pano destinado às crianças pequenas e relatar o processo de produção artesanal de um protótipo de edição do livro de pano *A pílula falante*, com fragmento da obra *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, analisando, ainda, a sua recepção em uma creche municipal situada em Guapimirim, estado do Rio de Janeiro. Para embasar as discussões são utilizadas referências teóricas pautadas nos estudos sobre livro e literatura para bebês de Serra, nas teorias de linguagem e infância de Vigotski, nas ideias de Sandroni a respeito da importância do contato da criança com o livro e com a literatura desde cedo e na crítica de Zilberman ao cunho didático e pedagógico nos livros para crianças pequenas. A concepção, produção e confecção manual do livro de pano *A pílula falante* buscou desenvolver conceitos voltados para a interação dinâmica entre leitor e livro, possibilitando estabelecer uma relação direta entre o objeto e o tema da narrativa, pautado na fala como meio de interação social. Por fim, a realização da análise de receptividade por crianças de 2 e 3 anos de idade, ressaltando a possibilidade de levar literatura de qualidade a esse público e a relevância dos livros que já existem no mercado para formação de futuros leitores, possibilitou observar que estratégias adequadas e uma mediação de qualidade podem aproximar os bebês da literatura e estabelecer uma base sólida para a formação do leitor.

Palavras-chave: literatura infantil, livro de pano, bebês e crianças

Abstract

How can cloth books favor the young child's contact with literature? Can literary text be mediated to children in early childhood? Motivated by these questions, the present work aims to demonstrate that literary texts can be presented to the public from 0 to 3 years, especially when peculiar resources are used to this age group. In order to do this, it is necessary to highlight particularities of the materiality of the cloth books destined to the small children and to report the process of artisan production of a prototype of edition of the cloth book *The talking pill*, with fragment of the work *Reing of Narizinho* by Monteiro Lobato, analyzing, also, his reception in a municipal nursery located in Guapimirim, state of Rio de Janeiro. To support the discussions, theoretical references are used based on the studies on books and literature for babies of Serra, in the theories of language and infancy of Vygotsky, in the ideas of Sandroni on the importance of the contact of the child with the book and with literature from an early age and in Zilberman's critique of the didactic and pedagogical nature of books for young children. Conception, production and manual preparation of the cloth book *The talking pill* sought to develop concepts aiming at the dynamic interaction between reader and book, making it possible to establish a direct relationship between the object and the theme of the narrative, based on speech as a mean of social interaction. Finally, the analysis of receptivity by 2 and 3 year old children, highlighting the possibility of bringing quality literature to this public and the relevance of the books that already exist in the market for future readership, made it possible to observe which strategies and quality mediation can bring babies closer to the literature and establish a solid basis for reader training.

Keywords: children's literature, cloth book, babies and children

Introdução

No início da década de 1990, a Educação Infantil passou a fazer parte da Educação Básica, sendo a primeira etapa dessa fase. A partir de então, creches e pré-escolas começaram a se preocupar com uma prática pedagógica que visa deixar de lado a dissociação entre o educar e o cuidar da criança. Com essa nova visão, a proposta curricular da Educação Infantil, regida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009) prevê, no artigo 9º, que os eixos que norteiam as interações e a brincadeira garantam experiências que:

I – favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III – possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (BRASIL, 2010, p.25)

Com essa perspectiva do favorecimento das diversas experiências de manifestação da linguagem por meio da prática pedagógica, a criança da primeira infância também passa a ser vista como consumidora de livros. Logo, o objeto-livro começa a ser criado de vários tamanhos, formas, suportes e materiais para atender cada vez mais aos interesses desse público, podendo ser dividido em diferentes categorias,

como livros brinquedos, de pano, de plástico, pop-up, entre outros. Dentre essas categorias existem aquelas que possuem características muito peculiares como é o caso dos livros de pano. Esses livros geralmente são recomendados para bebês de 0 a 3 anos de idade, pois possuem aspectos físicos que facilitam o contato da criança com esses objetos. Contudo, no aspecto textual, grande parte dessas obras apresentam narrativas simples ou com conteúdo didático/informativo, sem muita preocupação com a perspectiva da literatura como arte. Mas onde fica o lugar da literatura nestes livros? O texto literário pode ser mediado para crianças na primeira infância? Como livros de pano, com conteúdo textual didático ou narrativa simples, podem favorecer o contato da criança pequena com a literatura?

Motivado por essas questões, o presente trabalho tem como principal objetivo demonstrar que textos literários podem ser apresentados ao público de 0 a 3 anos de idade, especialmente quando são utilizados recursos peculiares a essa faixa etária, como é o caso do livro de pano. Para isso, inicialmente o texto procura destacar as particularidades da materialidade dos livros de pano destinado às crianças pequenas, embasando as discussões sobre o assunto nos estudos sobre o livro e a literatura para bebês de Serra (2015). Além disso, também aponta as teorias de linguagem e infância de Vigotski (1987, 2009), as ideias de Sandroni (2003, 2011) a respeito da importância do contato da criança com o livro e com a literatura desde cedo e a crítica de Zilberman (2003) no que se refere ao cunho didático e pedagógico nos livros para crianças pequenas. Num segundo momento, é relatado o processo de produção artesanal de um protótipo de edição do livro de pano *A pílula falante*, com fragmento da obra *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, analisando, ainda, a sua recepção por crianças entre 2 e 3 anos de idade, em uma creche municipal situada em Guapimirim, estado do Rio de Janeiro. Por fim, as considerações finais apresentam conclusões sobre o estudo e possibilidades de reflexão para os envolvidos no processo de formação do leitor literário e/ou mediadores de leitura para crianças da primeira infância.

As particularidades dos livros e da literatura para a primeira infância

A criança pequena já deve ter livros entre seus brinquedos. O livro, o álbum ilustrado, é um brinquedo como qualquer outro; deve estar ao alcance da criança no momento que ela desejar. É claro que certos cuidados no manuseio do livro devem ser recomendados; mas nada de mitificá-lo como alguma coisa preciosa e por isso intocável, não; ele é precioso, mas por isso mesmo deve ser manuseado à vontade, pois seu valor reside no que possa transmitir como mensagem de beleza, poesia ou simples divertimento. Um livro que nunca sai da estante, que mantém seu aspecto de novo, evidentemente não está cumprindo sua função. (SANDRONI, 2003, p. 11)

Como destaca Sandroni (2003), o livro pode ser tratado como qualquer outro brinquedo para a criança, pois ele permite essa função lúdica. O verdadeiro valor do livro está “no que possa transmitir como mensagem de beleza, poesia ou simples divertimento”. Sendo assim, o contato da criança com o livro deve ocorrer desde cedo, pois o livro só cumpre sua função quando é manuseado por alguém. Uma criança que brinca com livros está mais propensa a desenvolver a sensibilidade, a imaginação, a criatividade e se formar leitora.

No entanto, para compreender o papel da literatura e do livro para crianças é preciso ter como parâmetro o conceito de infância. Esse conceito já passou por várias modificações até chegar aos dias de hoje. Como categoria social é um conceito moderno

no mundo ocidental. No final do século de XIX e início do século XX, a criança era vista como “homem do amanhã, cuja maturidade seria identificada com a chegada à razão” (CORSINO, 2015, p. 109). Nesse contexto, a literatura funcionava como aliada ao processo de moralização e disciplinalização da criança.

A partir dos estudos contemporâneos, especialmente da Sociologia da Infância, é considerada a capacidade da criança de “co-construção da própria infância como também da sociedade” (*Id.*, 2013, p. 18). Logo, a criança passa a ser agente competente para agir e transformar a sociedade e sua cultura. No entanto, Castro ressalta que, mesmo com base nesse novo paradigma, ainda hoje parece ser difícil “abrir mão da ideia de preparo das crianças”.

Sobre as produções recentes de livros para crianças, Corsino destaca que “há um número significativo de livros que instigam a crianças, as fazem se deslocar, se surpreender, se emocionar” (*Id.*, 2015, p. 114). Essas obras já são resultado dessa visão crítica de infância, que reconhece a criança com indivíduo dotado de capacidades.

Além de se nortear pelas concepções de infância, as produções editoriais também são realizadas de acordo com as possibilidades de mercado. Como é possível notar, com o aumento das políticas públicas que regem o direito da criança à educação e a ampliação do número de creches para crianças de 0 a 3 anos, proporcional ao crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho, expandiu também a quantidade de livros destinados a essa faixa etária. Um dos maiores programas do governo que insere os livros nas escolas e creches, e movimenta o mercado editorial voltado para crianças e jovens, é o PNBE¹ – Programa Nacional Biblioteca da Escola. Abaixo são ressaltados alguns pontos do Edital do PNBE 2014 no que diz respeito à seleção de livros para a Educação Infantil:

3.2.2.4. Os livros deverão ser adequados à faixa etária das crianças da Educação Infantil e confeccionados em material atóxico (papel, cartonado, tecido, EVA, plástico, entre outros materiais), de forma a possibilitar o manuseio por crianças de 0 a 3 anos, podendo ser apresentados em diferentes tamanhos.

3.2.2.5. As obras que demandam o manuseio pelas crianças, confeccionadas em cartonado, tecido, EVA, plástico ou outro tipo de material, deverão, obrigatoriamente, conter o selo do INMETRO. (BRASIL, 2014)

Serra (2015), em sua pesquisa, identifica uma preocupação dos editores em produzir livros para a primeira infância que possibilitem o desenvolvimento de habilidades. Essas estão ligadas às funções motoras, como folhear, tocar e manusear, às noções de conceitos de quantidade, tamanho e tempo, a aprender novas palavras através da nomeação de figuras e a outros fatores de caráter educativo. As categorias de livros voltados para a criança pequena (livros brinquedos, livros informativos (ensinam conceitos, vocabulário, comportamentos), livros pop-up, livros de manipulação (pano, plástico, borracha) tendem a suprir a demanda de mercado da indústria cultural, “na qual os espaços da palavra parecem não ser preponderante... Oscilam desde exercícios motores e brincadeira, à apresentação de conceitos e explicações” (SERRA, 2015, p. 81).

¹ No momento da escrita desse trabalho, o PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola encontra-se suspenso pelo governo.

A função pedagógica é algo que, até nos dias de hoje, está presente nos livros para crianças. Zilberman (2003, p.15) evidencia que a literatura infantil continua uma colônia da pedagogia. A literatura como arte ainda perde espaço para a presença do objetivo didático, o qual serve como elemento de dominação da criança. A concepção de criança ainda está voltada para a criança escolarizada, aquela que já sabe ou que já iniciou o processo de aquisição da leitura e da escrita. Com o intuito de auxiliar nessa tarefa de alfabetização, muitos livros tem priorizado a dimensão da aquisição da linguagem com base na relação fonema grafema (SERRA, 2015, p. 66).

Outro aspecto observado nas produções atuais de livros para bebês é a atenção que se tem dado à materialidade. Os projetos editoriais são elaborados de modo que o produto final possa garantir o contato direto das crianças com o livro. Com isso tem-se a responsabilidade em garantir a resistência do objeto, a segurança da criança e a facilidade para o manuseio. Segundo Serra:

A ideia de que a criança precisa ter acesso direto ao livro tem trazido um investimento do projeto gráfico-editorial na materialidade do livro: resistência, tintas atóxicas, bordas arredondadas que facilitam o folhear são algumas características do livro para os pequenos que têm predominado. (*Ibid.*, p. 75)

A autora segue destacando que olhar a criança somente em suas habilidades desenvolvidas não parece ser a melhor alternativa para “ampliar suas possibilidades de leitura frente ao mundo contemporâneo e sua complexidade” (*Ibid.*, p. 75). Ela reconhece que não se pode descartar fatores pertinentes ao início do desenvolvimento em que os bebês realizam suas descobertas e experiências por meio do toque e do movimento. Há a necessidade de sentir o livro em sua materialidade. Pensar neste aspecto é garantir as infinitas possibilidades que o livro pode ter. No entanto, a questão é que a preocupação com a materialidade do livro não deve inibir a responsabilidade de assegurar o espaço da palavra, ou seja, da literatura.

De acordo com a proposta de Bonnafé (2008), o livro de literatura para crianças pequenas e bebês deve ir além da dimensão útil. A afetividade, a imaginação e memória são aspectos que deveriam ser priorizados ao se tratar de literatura para este público, no entanto, o que se percebe é a atenção aos aspectos motores e fisiológicos. Para Vygotsky (1987) a “atividade criadora da imaginação” é construída a partir da relação com a riqueza e variedade da experiência acumulada pelo homem. Logo, nota-se a importância de proporcionar às crianças vastas experiências que sejam capazes de ampliar sua capacidade criadora. Vygotsky (1987) vai além ao apontar que o contato da criança com o livro e o ato ler histórias para e com a criança são maneiras de ampliar as experiências por meio da imaginação.

Um livro para a criança precisa deslocá-la por alguns instantes. Deve proporcionar o contato com a fantasia e a imaginação, permitindo o estreitamento das relações individuais e coletivas. O encontro com a subjetividade, sentimentos e emoções. A criança precisa achar seu espaço no livro, viajar na sua história e brincar com ela. Retomando Serra, um livro para criança é “uma alteridade constitutiva. Espaço também da fantasia, da imaginação que tem papel importante nas relações com si mesmo e com o outro.” (SERRA, 2015, p. 79).

Levar a literatura aos bebês e às crianças pequenas é enxergá-los com sujeitos capazes de sentir, compreender, refletir e questionar sobre o que observam e vivenciam ao estarem em contato com a arte da palavra. O empobrecimento do texto surge quando a simplificação poética (associada à leveza, à dissonância) é confundida com a

simplicidade resultante da ideia da falta de competência da criança. Considerar a capacidade crítica da criança é reconhecer sua “claridade que cintila dentro de sua ignorância” (MEIRELES, 1984, p. 30), fator fundamental para se pensar a literatura para a primeira infância.

Processo de produção do livro de pano *A pílula falante*

Como parte integrante de uma disciplina do curso de Especialização em Literatura Infantojuvenil da Universidade Federal Fluminense, ministrada pela professora mestre em Design Maíra Lacerda, foi proposto que produzíssemos um objeto-livro a partir dos textos de Monteiro Lobato. Para a elaboração deste projeto utilizei referências próprias, como minha profissão, minhas habilidades artísticas e minhas preferências de leitura sobre as obras de Monteiro Lobato.

A primeira tarefa foi pensar o conceito do livro. Durante o processo de criação, pensei em produzir um livro no qual tivesse uma boneca que passeasse pelo objeto no decorrer da narrativa. A intenção era que a boneca fosse uma personagem que fizesse parte não só da narrativa, como também do livro. A boneca iria interagir diretamente como o livro e com o leitor. Nesse caso, a principal palavra-chave escolhida para o objeto-livro foi interação. As demais palavras-chave são: boneca de pano, pílula falante² e transformação. O conceito se resume a um livro de pano, com interação dinâmica entre o leitor e o livro, indicado para crianças de 10 meses a 3 anos e 11 meses de idade. Com o conceito estruturado, fui visitar a biblioteca e a bebeteca da creche para observar livros e retirar referências que pudessem me auxiliar neste processo.

No que se refere à escolha do texto, já tinha em mente que deveria ser alguma obra ou algum trecho que contivesse a personagem Emília, visto que a boneca móvel, a qual interagiria com o livro, representaria essa personagem. Como a Emília é uma boneca de pano e a base do meu livro também, esta associação poderia favorecer a significação e compreensão do livro como objeto. Logo no início me encantei com o capítulo “A pílula falante”, de *Reinações de Narizinho*, que relata como Emília se tornou uma boneca falante. Além disso, nesse trecho a Emília é uma personagem de destaque e a fala, assunto principal do capítulo, é enfatizada como forma de interação do ser humano. Optei por utilizar apenas um fragmento, visto que, o capítulo na íntegra era muito extenso.

O próximo passo foi planejar a planificação do livro. Fragmentei o texto e o dividi nas páginas de modo que houvesse sentido e lógica. Enquanto trabalhava na planificação, descrevi possibilidades de ilustração. Defini que seriam em formato prancha, em que a página ímpar completa a página par, formando uma única cena.

² A palavra-chave pílula falante foi escolhida devido ao texto selecionado para confecção do livro, que será explicitado abaixo.



Figura 1. Imagem da planificação do protótipo do livro de pano *A Pílula Falante*.

Confeccionei o protótipo por meio do trabalho manual. Cada personagem e detalhes das cenas foram feitos a partir de moldes desenhados e recortados no feltro. Depois, eram organizados e colados de acordo com as ideias de ilustrações. Com quase todos os personagens prontos, comecei a montar o fundo e a estrutura do livro. Utilizei o papel transfer, transferindo o texto para o tecido.

A primeira ilustração representava o fundo do mar e a chegada da Narizinho e da Emília ao consultório do Dr. Caramujo. A porta é vazada para a página seguinte, permitindo que o leitor imagine a entrada das personagens ao consultório.



Figura 2. Fotografia do processo de produção do livro *A Pílula Falante*.

As próximas ilustrações já se passam dentro do consultório. Vão seguindo a mesma ideia, sendo adicionados personagens e elementos relatados no texto.



Figura 3. Fotografia da segunda página do livro de pano *A Pílula Falante*, contendo a Emília passando pela porta do consultório do Dr. Caramujo.



Figura 4. Fotografia da terceira página do livro de pano *A Pílula Falante* com a presença de novos personagens.

Na quarta cena, há a presença do personagem sapo. Há dentro da barriga dele as pílulas do Dr. Caramujo que haviam sumido. Para encontrá-las, basta abrir o zíper.



Figura 5. Fotografia contendo a interação do leitor com o personagem sapo.

Na quinta ilustração, o diferencial está no movimento do balão de fala. Enquanto a Emília ainda é muda, o balão é coberto por um tecido branco. Quando ela engole a pílula, basta levantar este tecido para ver a primeira frase que ela disse: “Estou com um enorme gosto de sapo na boca!”.



Figura 6. Fotografia da quinta página do livro de pano *A Pílula Falante*, destacando a interação do leitor com o balão de fala.

Nas páginas seguintes, também há diálogo com balão de discurso, mas desta vez é o de pensamento. No balão é retratada a lembrança da Emília referente à cena que presenciou na gruta no fundo mar. Ali, ela descreve com detalhes o momento em que Dona Carochinha encontrou o Pequeno Polegar. Nesta ilustração o leitor também ajuda a contar a história ao levantar a concha e encontrar o Pequeno Polegar escondido. Para dar mais destaque ao balão de pensamento, contendo outra história dentro da narrativa principal, não utilizei os demais elementos do cenário, apenas as personagens Narizinho e Emília.



Figura 7. Fotografia da sexta página do livro de pano *A Pílula Falante*, ressaltando a interação do leitor com o balão de pensamento.

Por fim, na última ilustração, a personagem Narizinho é ampliada, de modo que seja destacada parte do rosto e do tórax. No vestido é colocado um bolso para guardar a Emília, ressaltando a última fala da Narizinho: “– Beliscão – Emendou a Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso.”.



Figura 8. Fotografia da sétima página do livro de pano *A Pílula Falante*, na qual o leitor coloca a boneca Emília no bolso da personagem Narizinho, conforme o texto sugere.

Para a capa utilizei balões de fala com o título, o nome do autor e o nome do ilustrador. Assim, a capa dialogou com o conceito do livro e fez menção aos balões de discurso utilizados no decorrer da narrativa.



Figura 9. Fotografia da capa do livro de pano *A Pílula Falante*.

Análise de recepção com crianças da Creche Municipal Profº Cleber Diniz Cajão

Durante a produção do projeto do livro de pano “A pílula falante”, com fragmento do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, surgiram-me questionamentos a respeito dos aspectos textuais e gráficos de alguns livros para bebês, pertencentes ao acervo da Bebeteca da Creche Municipal Professor Cleber Diniz Cajão. É um acervo grande, composto por livros de pano e livros de plástico, com uma média de dois exemplares por título. Os livros de pano são:

- *Amigos para sempre - Conheça o Bernardo*, texto de Elma Greig, ilustrações de Mandy Stanley (2002);
- *Amigos para sempre - Conheça o Charles*, texto de Eli A. Cantillon, ilustrações de Mandy Stanley (2002);
- *Meu livro de pelúcia – A vaquinha Mumu*, texto e ilustrações de Donaldo Buchweitz (2013);
- *Meu livro de pelúcia – O cachorrinho Mimi*, texto e ilustrações de Donaldo Buchweitz (2013);
- *O ratinho Rikh*, texto de Roberto Belli, ilustrações de Belli Studio(2013);
- *Olá bebê – dia, noite*, Produção: Ciranda cultural, ilustrações de Lie Nobusa (2015);
- *Olá bebê – cores*, Produção: Ciranda cultural, ilustrações de Lie Nobusa (2015);
- *Quando eu crescer...*, produzido na China;
- *Círculo*, produzido e impresso na China;

- “Dora é uma bela zebra da floresta...” (trecho inicial do livro, já que não apresenta título e nenhuma informação catalográfica).

Olhando para esse acervo, destaco sobre os aspectos gráficos que a maioria possui estrutura bem diferente das convencionais. Assemelham-se a bichos de pelúcia, aproximando-se muito da categoria brinquedo. Esses traços tendem a favorecer o interesse da criança por esses objetos, visto que, visualizam neles a possibilidade de utilizá-los em suas brincadeiras. No miolo do livro, encontram-se páginas estampadas com ilustrações com traços bem infantis. Há aqueles que, além do texto e das imagens, também apresentam elementos sensoriais, como elementos sonoros, textura e formas em relevo. Quanto ao aspecto textual, alguns apresentam narrativas simples, com a temática voltada para a descrição de uma rotina, com intenção de sugerir uma doutrinação de modelos a seguir ou dinâmicas praticadas pelos personagens, como brincadeiras, ações peculiares dos animais, entre outros. São orações curtas e com vocabulário simples. Os que não possuem narrativas abordam conteúdo didático/educativo que buscam ensinar nomes de objetos, formas geométricas e cores.

A partir da observação e apreciação do acervo da bebeteca da creche, desenvolvi estratégias para uma experiência de análise de recepção dos livros de pano do acervo e do livro *A pílula falante* que produzi com os discentes dessa unidade de ensino. A creche é gerida e mantida pela rede municipal de ensino, e fica localizada em uma área urbana do município, sendo um bairro populoso, no qual a maioria dos habitantes pertence à classe média baixa. A pesquisa foi realizada com crianças entre dois e três anos de idade de duas turmas diferentes, com as quais, em grande maioria, tive o primeiro contato durante a aplicação das estratégias deste projeto.

Por meio das variadas mediações de leitura e diálogo com os responsáveis e com os próprios alunos que realizei durante minha trajetória como docente dessa unidade, notei que grande parte das crianças não possui contato com livros literários fora do ambiente da creche. Longe desse meio, normalmente têm acesso a livros didáticos de irmão mais velhos, encartes de supermercados, revistas de distribuição gratuita realizada na cidade e outros recursos com vinculação de diversificados gêneros textuais. Logo, há uma aproximação com o mundo letrado, mas, geralmente, a literatura só é vivenciada no âmbito escolar.

Com a análise de recepção visou mostrar que os livros para bebês que compõem o acervo estudado, apesar de não serem obras literárias, funcionam como facilitadores do ingresso da criança no mundo da literatura. Isso porque, eles aproximam a criança do objeto-livro de forma lúdica, pois sugerem uma possibilidade de brincar, conduzindo-lhes a compreenderem o funcionamento de um livro e seu conteúdo. No entanto, as crianças não precisam estar limitadas somente a essas obras. Elas também podem ter acesso a uma literatura de maior qualidade como a de Monteiro Lobato, desde que apresentadas com recursos peculiares a essa faixa etária e uma mediação adequada, devendo ser estimuladas desde cedo a adentrarem ao universo literário.

Para iniciar a análise de recepção apresentei aos alunos os livros de pano do acervo da creche sem dizer o que eram e para o que serviam. Notei uma predileção pelos livros cujos formatos são similares aos bichos de pelúcia. Esses foram os primeiros a serem escolhidos e a primeira reação que tiveram foi abraçar e dizer que eram fofinhos. Durante todo momento, demonstraram mais interesse pela capa do que pelo conteúdo do miolo. Era nítido o envolvimento deles com os livros, mesmo que sendo utilizados como brinquedos.



Figura 10. Fotografia na qual a criança brinca com o livro *O cachorrinho Mimi* (BUCHWEITZ, 2013) como se fosse um bichinho de pelúcia.

No segundo momento, apresentei novamente os livros de pano, porém, desta vez, destacando que além de possíveis brinquedos, eles também continham algo em suas páginas. Depois, expus modelos mais convencionais de livro (de papel) e outros tipos de livros para crianças pequenas (de plástico e cartonado).



Figura 12. Fotografia de crianças interagindo com livros de diversas categorias.

Ao realizar uma mediação individualizada com os alunos, com a ajuda das auxiliares de creche, constatei a importância da intervenção do adulto para aqueles que ainda não são leitores convencionais. Os olhares de encantamento eram muito expressivos mediante cada leitura. Os livros como objetos passaram a ter novos significados, aguçando ainda mais a curiosidade dos pequenos. Neste dia, não os viram somente como brinquedos, mas como algo capaz de contar uma história e mexer com a imaginação.



Figura 13. Fotografia das auxiliares de creche realizando uma mediação de leitura com as crianças.

No dia seguinte, ao perceber que os alunos já estavam familiarizados com a categoria livro de pano, apresentei-lhes o protótipo do livro *A Pílula Falante*. Realizei intervenções de leitura e contação da história com grupos de poucos alunos, permitindo a interação direta das crianças com o livro e atentando para os seguintes pontos: diálogo com o livro, atenção e concentração, manifestações de sensações por meio de expressões faciais e orais e o prazer demonstrado ao ouvirem a história.

A ideia da interação foi percebida pelas crianças desde o início. Os olhares a todo o momento revelavam curiosidade e encantamento. Algumas crianças mais expressivas, em cenas mais específicas, riam, arregalavam os olhos, colocavam a mão na boca como sinal de espanto e franziam a testa, demonstrando não estarem gostando de algo. Outros permaneceram com os olhos fixos e boquiabertos, evidenciando admiração e prazer por estarem em contato com a obra.



Figura 15. Fotografia com variadas manifestações de sensações apresentadas pelas crianças, mediante a interação com o livro *A Pílula Falante*.

Para encerrar a análise de recepção, contei novamente a história “A pílula falante”. Os alunos de 3 anos demonstraram lembrar dos fatos mais relevantes da narrativa. Conforme ia narrando, falavam o que estava para acontecer, fazendo questão de ressaltar que sabiam como interagir com os detalhes da obra. Já os alunos da turma de 2 anos apresentaram menos paciência para aguardar o momento de tocar no livro. Como já o conheciam e possuem essa necessidade de repetição, demonstraram gostar ainda mais dessa segunda experiência. Estavam mais descontraídos e ansiosos para acompanhar o desenrolar da narrativa.



Figura 16. Fotografia retratando crianças de dois anos manuseando o zíper na barriga do personagem sapo.

Com essa análise de recepção comprovei que os livros de pano que compõem o acervo da creche em estudo, mesmo contendo narrativas simples e/ou conteúdo didático, são facilitadores do ingresso da criança no mundo literário. Talvez, se as crianças que participaram da pesquisa não conhecessem o funcionamento de um livro, elas não encontrariam significação em *A Pílula Falante* e não dialogariam com tanto interesse com a obra.

Ademais, pude afirmar que a literatura de Monteiro Lobato, complexa e rica em detalhes, pode ser apresentada para crianças pequenas. Porém, reconheço que foi de suma importância contá-la utilizando recursos apropriados a esse público. Logo, as estratégias adequadas e uma mediação de qualidade podem aproximar os bebês à literatura.

Outro fator pertinente nessa pesquisa é a possibilidade de refletir sobre as prioridades do mercado editorial atribuídas aos livros para bebês. Como vimos, os editores atuais tendem a primar pelos aspectos que dão forma aos livros. No entanto, observei que os elementos internos, os quais auxiliam a contar a história, também são capazes de encantar as crianças pequenas, assim como acontece com o protótipo do livro *A Pílula Falante*.

Considerações finais

O contato da criança com a literatura deve ocorrer desde bem cedo, desde os primeiros dias de vida. Não é necessário atingir a maturidade e nem chegar a uma

determinada fase para ser possível mergulhar no universo literário e avançar no caminho da comunicação literária, como ressalta Colomer (2002):

Começamos a partir da ideia de que, de fato, a literatura infantil oferece um ambiente de aprendizagem aos seus leitores, mas acreditamos que isso não significa que as crianças tenham que esperar para alcançar um certo ponto de treinamento para ter uma experiência literária "no presente". Pelo contrário, é sua participação em um ato de comunicação literária que lhe permitirá avançar por esse caminho. (COLOMER *et al.*, 2002, p. 12) *Tradução nossa.*

A criança pequena, mesmo que não domine o sistema de códigos de leitura e escrita, é capaz de participar da obra e atuar como leitora. Por vezes, seu papel é o de leitor ouvinte, quando, segundo Serra (2015), é um adulto que lê para ela, utilizando suas interferências e interpretações pessoais. Neste caso, ao se pensar no leitor ouvinte, é de suma importância se pensar também no mediador dessa leitura. O adulto precisa atentar-se ao movimento da criança e respeitar a cadência de cada uma, compreendendo “que a literatura dispensa explicações e que o entendimento da criança chega em partes e por partes” (*Ibid.*, p. 105).

Essa relação adulto mediador e criança leitora ouvinte propicia o desenvolvimento de funções psicológicas construídas a partir de conhecimentos socialmente adquiridos. De acordo com Vigotski (1987), a aprendizagem é considerada um processo fundamentalmente social, na qual a função da linguagem é destacada. Nesse caso, ler para e com a criança é algo que se deve ter início desde bem cedo, quando a criança ainda é um bebê.

A literatura é um direito de todos. Logo, os bebês e as crianças pequenas não podem ter esse acesso negado. Compreende-se com Candido (2011, p. 193) que “Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as suas modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”.

Referências Bibliográficas

BELLI, Roberto. *O ratinho Rikh*. Fabricado na China: Todolivro, 2013;

BONNAFÈ, Maria. *Los libros, eso ES Bueno para los bebés*. Barcelona; Espanha: Editorial Océano S.L., 2008.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil* / Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. PNBE na escola: literatura fora da caixa / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. – [Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014]. 3v. Guia 1: Educação Infantil. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3982-edital-pnbe-2014>. Acesso em: 08/01/2018.

BUCHWEITZ, Donaldo. *Meu livro de pelúcia – A vaquinha Mumu*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2013;

BUCHWEITZ, Donaldo. *Meu livro de pelúcia – O cachorrinho Mimi*. São Paulo: Ciranda Cultura, 2013;

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANTILLON, Eli A. *Amigos para sempre - Conheça o Charles*. Santa Catarina: Blu Editora Ltda, 2002;

COLOMER, Teresa. *Siete Llaves para valorar lãs historias infantiles*. Madrid: Papeles da Fundacion Germán Sanches Ruipérez) 2002.

CORSINO, Patrícia. *Infância e literatura: entre conceitos, palavras e imagens*. Revista Teias, v. 16, no 40, Proped – UERJ, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro>.

GREIG, Elma. *Amigos para sempre - Conheça o Bernardo*. Santa Catarina: Blu Editora Ltda, 2002;

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*, v. 1. 2º Ed. São Paulo: Editora Global, 2008.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NOBUSA, Lie. *Olá bebê – dia, noite*. Produção: Ciranda cultural, 1ª ed., 2015;

NOBUSA, Lie. *Olá bebê – cores*. Produção: Ciranda cultural, 1ª ed., 2015;

SANDRONI, L. *Ao Longo do Caminho*. São Paulo: Moderna, 2003.

SANDRONI, L. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas – 2ª edição*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SERRA, M. B. A.; CORSINO, P. *Livros de Literatura para Bebês e Crianças Pequenas: concepções de autores e editores premiados*. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na escola*. 11.ed.rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *La imaginacion e El arte em La infância*. Ed. Fontamara, 1987.

VIGOTSKI, L.S. *A Construção do pensamento e da linguagem*. Ed WMF Martins Fontes, 2009.